
Fopin: relato de experiência na criação do Festival de Cinema Focaliza Parintins¹

Graciene Silva de Siqueira²
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Marcelo Rodrigo da Silva³
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência na realização do I Festival de Cinema Focaliza Parintins (Fopin) promovido pelo curso de Comunicação Social do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Parintins, no interior do Amazonas. O evento ocorreu no dia 4 de dezembro de 2019, com objetivo inicial de ser apenas uma atividade avaliativa na disciplina Jornalismo Cultural ministrada no segundo semestre do mesmo ano. O festival, no entanto, tomou outras proporções envolvendo não apenas alunos da disciplina, mas também professores do curso, familiares dos alunos e a comunidade em geral. O Fopin é o primeiro festival de cinema promovido pelo curso e o único na cidade de Parintins.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de Experiência; Festival de Cinema; I Fopin; Ufam/Parintins.

INTRODUÇÃO

Até o ano de 2011, o Amazonas contava com quatro festivais de cinema, a saber: Festival de Um Minuto, Festival Curta 4, Amazonas *Film Festival* e Mostra Amazônica do Filme Etnográfico (SIQUEIRA, 2011). Os dois primeiros realizados pela Associação de Cinema e Mídias Audiovisuais do Amazonas (Amacine), presidida pelo realizador Júnior Rodrigues, o terceiro pela Secretaria Estadual de Cultura e o último pelo Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Amazonas (Navi), sendo este

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema da Divisão Temática Comunicação Audiovisual, XX Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Letras (Mackenzie). Professora adjunta III do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). E-mail: graciennesiqueira@gmail.com.

³ Doutor em Estudos da Mídia (PpgEm/UFRN). Professor adjunto do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Vice-coordenador do grupo de pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq). Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó). E-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

último voltado para o filme documental. Dos quatro festivais, três já encerraram suas atividades há alguns anos.

No caso dos eventos organizados pela Amacine, esta promovia oficinas em cidades do interior do Amazonas a fim de incentivar a produção de filmes para concorrerem aos festivais de Um e de Quatro minutos, que ocorriam em Manaus. Entre as cidades do interior que receberam as oficinas está Parintins (ilha localizada a 369 quilômetros de Manaus) e que, na época, teve alguns filmes representando a cidade.

Assim como em Manaus, Parintins também não possui Festival de Cinema o que é compreensível dada a baixa produção de filmes na cidade. Muito do que é produzido hoje é do gênero documental e circula apenas nos ambientes das duas universidades públicas que existem em Parintins: Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Universidade Federal do Amazonas (Ufam/Icsez).

E foi na Ufam que surgiu o Festival de Cinema Focaliza Parintins, o Fopin, evento realizado como atividade de avaliação final da disciplina de Jornalismo Cultural. Nosso objetivo era simplesmente oferecer uma atividade prática aos alunos da disciplina, no caso, organizar, divulgar e apresentar um evento cultural. O tema cinema foi uma sugestão da professora da disciplina e foi bem acolhida pela turma. A primeira avaliação dos discentes foi a produção de resenha de um filme e a segunda a produção de uma crônica. Como terceira nota, eles seriam avaliados pelo cumprimento de suas tarefas na realização do Fopin.

Em seus onze anos de existência, o curso de Comunicação Social da Ufam em Parintins tinha realizado apenas um evento onde reuniu alunos e professores do curso para apresentar produtos de disciplinas como Produção Cinematográfica Digital, na qual sempre é produzido um curta. Até então, não havia sido realizado nenhum evento nos moldes do Fopin, que representou mais do que uma simples atividade acadêmica, tanto para professores quanto para alunos. Ao relatarmos como foi realizar o festival, vamos discorrer também sobre o quanto uma atividade de sala de aula pode envolver alunos e professores, até mesmo estreitando os laços entre eles.

É essa experiência da organização e realização do Fopin que descrevemos a partir de agora. O único festival de cinema que Parintins possui atualmente.

Desenvolvimento intelectual x desenvolvimento emocional

Bell Hooks em sua obra *Educação como prática da liberdade* (2017) narra sua experiência na construção de uma pedagogia no que se refere ao ensino superior. Ela revisita sua própria trajetória no sistema de ensino americano, e diz que o primeiro paradigma que moldou seu trabalho é a ideia de que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio.

No entanto, na contramão da sua ideia há educadores apegados aos modelos tradicionais que veem no “entusiasmo” um fator de perturbação, que pode comprometer a seriedade necessária para o ambiente de aprendizagem. Essa resistência se dá pelo fato de as práticas didáticas precisarem ser revistas, uma vez que no cenário proposto, elas teriam de ser flexíveis, não fixas ou absolutas. “Os alunos teriam de ser vistos de acordo com suas particularidades individuais [...] e a interação com eles teria de acompanhar suas necessidades [...]” (HOOKS, 2017, p. 17). A autora defende que o entusiasmo do aluno (e também do professor) pode coexistir com uma atividade intelectual e/ou acadêmica, e até mesmo incentivar tal atividade.

A força motriz para o processo de aprendizado com essas características seria o interesse real de uns pelos outros: alunos x alunos, alunos x professores e professores x alunos. De acordo com Hooks, é preciso ouvir a voz uns dos outros, reconhecer a presença uns dos outros. No ensino tradicional, o professor é visto como o responsável pela dinâmica em sala, mas na pedagogia da liberdade (proposta pela autora), professores e alunos são corresponsáveis por essa dinâmica. É preciso que haja esforço coletivo. Pois, assim como há professores resistentes a novas práticas pedagógicas, há também alunos.

Hooks explica que a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer pessoa pode aprender, mas se torna mais fácil entre os docentes que acreditam que sua vocação de ensinar tem um aspecto sagrado: não basta partilhar informação, é preciso ir além. É preciso participar do crescimento intelectual e espiritual dos discentes. Só assim, serão criadas as condições para que o aprendizado possa ocorrer de modo mais profundo e íntimo.

Um aspecto abordado por Hooks e que nos interessou, por vivenciarmos tal situação durante o Festival de Cinema Focaliza Parintins (Fopin), é a ideia de que

é impossível dissociarmos o ser humano. Ele é um todo, formado por mente, corpo e espírito.

A ideia da busca do intelectual por uma união de mente, corpo e espírito tinha sido substituída pela noção de que a pessoa inteligente é intrinsecamente instável do ponto de vista emocional e só mostra seu melhor lado no trabalho acadêmico. Isso queria dizer que pouco importava que os acadêmicos fossem drogados, alcoólatras, espancadores da esposa ou criminosos sexuais; o único aspecto importante da nossa identidade era o fato de nossa mente funcionar ou não, ou sermos capazes de fazer nosso trabalho na sala de aula. Estava implícito que o eu desaparecia no momento em que entrávamos na sala de aula, deixando em seu lugar somente a mente objetiva – livre de experiências e parcialidades (HOOKS, 2017, p. 29).

A afirmação de Hooks com certeza causa resistência na academia, cujo trabalho fundamenta-se no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Fora o fato de as condições de trabalho existentes nas universidades públicas pouco contribuírem para uma prática educativa que diferencie do modelo tradicional que vem sendo praticado há anos. Porém, vemos a sala de aula, e especialmente os projetos de extensão desenvolvidos nas universidades, como uma forma de propiciar o desenvolvimento tanto do intelectual quanto, como observa Hooks, emocional do aluno. E esse amadurecimento vai contribuir para a criação de um ambiente estimulante para o aprendizado. A autora observa que são poucos os docentes que falam sobre o lugar das emoções na sala de aula.

[...] Se formos todos emocionalmente fechados, como poderá haver entusiasmo pelas ideias? Quando levamos nossa paixão à sala de aula, nossas paixões coletivas se juntam e frequentemente acontece uma reação emocional, que pode ser muito forte. O ritual restritivo e repressivo da sala de aula insiste em que não há lugar para as reações emocionais. Sempre que irrompem reações emocionais, muitos entre nós creem que nosso objetivo acadêmico ficou prejudicado. Para mim essa é uma visão distorcida da prática intelectual, pois o pressuposto por trás dela é que para ser verdadeiramente intelectual você tem de estar separado das suas emoções (HOOKS, 2017, p. 207).

Durante a realização do Fopin chegamos à conclusão de que é possível, assim como observa Hooks, combinar os aspectos intelectual e emocional do aluno. Que o segundo, em muitas situações pode até mesmo favorecer o primeiro.

O evento

O Festival de Cinema Focaliza Parintins (Fopin) foi a última atividade avaliativa da disciplina Jornalismo Cultural, do curso de Comunicação Social do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez), ministrada no segundo semestre de 2019. Propomos aos alunos a realização de um evento no qual eles pudessem atuar como organizadores e assessores, proporcionando assim a prática do jornalismo cultural. A turma do terceiro período, formada por 33 alunos, aceitou o desafio. Os discentes foram alocados em grupos: Divulgação e Cobertura do evento, Infraestrutura, Inscrição e Cerimonial. Elaboramos metas para cada equipe e semanalmente, no horário destinado à disciplina, nos reuníamos para avaliar o andamento das atividades. O acompanhamento semanal serviria para que os alunos fossem avaliados no cumprimento de suas tarefas, pois estas eram determinantes para a nota final.

Figura 1 – Reunião com a turma de Jornalismo Cultural.

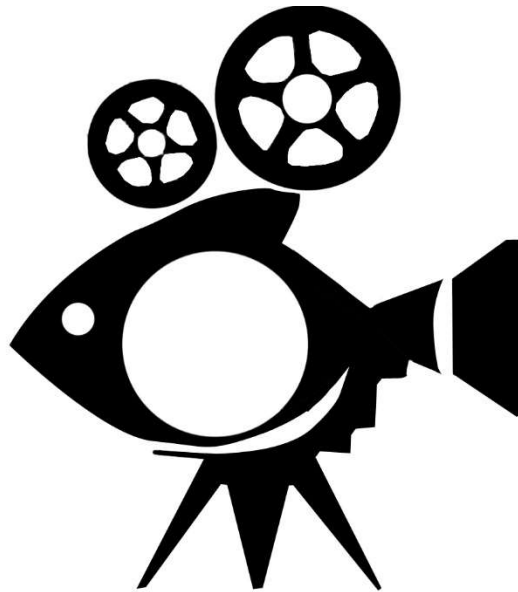


Fonte: Acervo organização do evento.

Os preparativos para o Fopin iniciaram em outubro de 2019. Logo após a divisão das tarefas, a equipe de Comunicação e Divulgação ficou responsável em coletar sugestões de nomes para o evento e para o Prêmio a ser entregue aos melhores filmes. Em uma das reuniões foi definido que o evento se chamaria

Festival de Cinema Focaliza Parintins (Fopin) e o prêmio seria o Prêmio Pacu. Pacu eram as iniciais de Prêmio Audiovisual de Cinema Universitário, mas acabou sendo atrelado ao nome de um peixe da região. Como resultado, a logo do troféu é o desenho de uma câmera de filmagem no formato do peixe pacu. Ela foi confeccionada pelo técnico do Laboratório de Jornalismo Impresso e Fotografia, Jousefe Oliveira.

Figura 2 – Arte Troféu Pacu 2019.



Fonte: Acervo organização do evento.

A próxima etapa foi o lançamento do Edital do Prêmio Pacu. Como se tratava de um evento para alunos do curso, estabelecemos que apenas discentes do curso de Comunicação Social poderiam inscrever filmes de até 10 minutos. Sabíamos de antemão que alunos da disciplina Telejornalismo II estavam produzindo minidocumentários e que havia alguns curtas de ficção que haviam sido produzidos em uma oficina ministrada pelo técnico do Laboratório de Videodifusão, David Huxley. Foram estes minidocumentários e curtas que integraram a competição pelo Troféu Pacu. O prêmio foi dividido nas categorias de ficção e não ficção, e ambas subdivididas em Melhor Produção, Melhor Fotografia, Melhor Roteiro e Melhor Direção. No total, foram inscritos oito trabalhos, sendo classificados dois para a categoria de ficção e quatro para a de não ficção. Convidamos professores do curso de Comunicação Social e do curso

de Artes Visuais do Icese para integrarem as comissões de jurados para os prêmios Pacu e Melhor *Cosplay*.

Foram abertas também inscrições para apresentações culturais e para melhor *Cosplay*, sendo que apenas o último contemplou o público externo. Com apoio de um jornalista, ex-aluno do curso, conseguimos os troféus a serem entregues.

A equipe de divulgação produziu relises que foram enviados a diferentes meios de comunicação de Parintins e produziu conteúdo para serem publicados nas redes sociais do Fopin, no caso Instagram e Facebook. Eles também trabalharam durante o evento com a cobertura por meio de fotos e filmagem da cerimônia de entrega dos troféus. Eles produziram ainda um *making of*, mostrando os bastidores da organização do espaço para o evento.

À equipe de infraestrutura coube a produção do material para decoração do espaço onde ocorreu o evento, o auditório do Icese. Eles também organizaram uma cota na turma a fim de garantir o lanche e água para o dia aos alunos que estivessem trabalhando. Os membros da equipe sugeriram buscar apoio financeiro para a compra de material de premiação, mas não obtiveram resposta aos ofícios enviados. Alguns itens para sorteio, como DVDs, e material para decoração foram adquiridos pelos organizadores do evento, pois a Ufam ou mesmo o curso não possuem recursos para esse tipo de atividade.

Figura 3 – Equipe de Infraestrutura decorando o espaço do evento.



Fonte: Acervo organização do evento.

O evento foi realizado no dia 4 de dezembro de 2019 e reuniu em grande número alunos do Icesz, especialmente do curso de Comunicação Social, professores, apoiadores e pessoas da comunidade em geral. Os alunos se envolveram no projeto, alguns mais pela nota, porém, percebe-se na academia que quando se trata de atividade prática, os discentes tendem a se dedicar mais. Acreditamos que a temática também auxiliou para o interesse de muitos no festival.

À equipe do Cerimonial coube o preparo do texto do evento, apresentado por pelos alunos Ralf Cordeiro, na época no terceiro período, e Rosibel Xavier, na época, no sétimo período. Eles incrementaram a apresentação com a *performance* de uma cena de dança do filme *Pulp Fiction – tempo de violência*, de Quentin Tarantino. Isso foi o suficiente para captar a atenção dos presentes que, para nossa surpresa, contou com um público diversificado. Além de alunos e professores da Ufam (de outros cursos também), familiares e amigos destes, assim como jornalistas, se fizeram presentes. Parte do público, entre eles os alunos da disciplina e seus familiares, professores, técnicos compareceu ao evento caracterizado por algum personagem do cinema.

Figura 4 – Alunos caracterizados para concorrer a Melhor *Cosplay*.



Fonte: Acervo organização do evento.

Os alunos se envolveram em diversos aspectos. Alguns que integraram as equipes de organização foram os participaram dos concursos de *Melhor Cosplay* e fizeram apresentação artísticas. Técnicos administrativos do curso também se inscreveram para apresentações musicais. Tal atividade serviu para evidenciar outros interesses dos servidores, além daqueles que eles cumpriam em sua jornada de trabalho. Em resumo, os alunos que organizaram o evento, participaram ativamente do que este tinha a oferecer. Para nós isso reforça o potencial agregador da temática cinema, assim como do próprio evento em reforçar os laços até então profissionais entre alunos, professores e técnicos-administrativos.

Quanto a esse aspecto gostaríamos de destacar processo de trabalho do Coral. Ele surgiu de um interesse particular da professora da disciplina e coordenadora do Fopin por musicais. O cinema faz parte da trajetória da mesma desde que trabalhou em uma locadora de vídeos – idos anos 1980. Também produziu alguns curtas-metragens, e escreveu dissertação e tese relacionados ao cinema. Inicialmente um professor do curso foi convidado para conduzir os trabalhos do coral uma vez que ele estudou canto. No entanto, ele precisou deixar o posto ainda no início dos ensaios e coube à coordenadora do evento assumir o papel de maestrina.

A música *I'll follow him*, do filme *Mudança de hábito*, foi escolhida para a apresentação. Como muitos dos alunos, oriundos de cidades adjacentes a Parintins, só conheciam o básico do inglês, o técnico do Laboratório de Videodifusão, que também estava no coral e fala o idioma fluentemente, fez a leitura da letra da música com todos, ensinando a pronúncia. Resolvida a questão, passamos aos ensaios da música. Ciente das limitações da professora como regente do coral, optamos por fazermos apenas duas vozes para as mulheres: soprano e contralto e apenas uma para os homens: tenor.

O grupo era formado inicialmente por onze pessoas, mas ao final restaram apenas oito. Estes eram os que compareciam aos ensaios de forma regular que ocorriam duas vezes na semana: às quintas-feiras e aos sábados.

As pessoas que deixaram o coral, eram alunos que também apresentavam certa dificuldade em estarem presentes na sala de aula: ou faltavam em excesso ou chegavam atrasados. Até mesmo durante as atividades em sala, apresentavam um rendimento abaixo, especialmente por parecerem não compreender o que era

solicitado em tais atividades. Hoje, penso que talvez pudéssemos ter pensado em estratégias para manter esses alunos na atividade, não os excluindo.

O grupo que participou do coral era formado por discentes de diferentes períodos. Até aquele momento nossa relação com eles era muito de sala de aula, algo muito parecido com o modelo tradicional abordado por Hooks. Nos preocupávamos com o conteúdo a ser ministrado, se os alunos o compreendiam e, mais ainda com formas de avaliar o aprendizado. Mas em uma atividade como o coral, desenvolvida fora do ambiente mais sério da sala de aula, era algo novo. Diferente até mesmo de uma atividade de extensão, nas quais muitos alunos participam para cumprir com a carga horária complementar.

No grupo não havia cantores profissionais, mas duas ou três pessoas já tinham uma experiência por se apresentarem na igreja e um outro como levantador de toadas no Festival Folclórico de Parintins. A cada ensaio percebia-se a evolução do grupo no que se referia à música, porém, foi outro aspecto entre os discentes que motivou esse relato. E para exemplificar esse aspecto vamos nos referir a uma pessoa em especial, aqui identificada apenas como integrante 1.

Ela entrou no grupo interessada em fazer a performance de uma cena do filme *Meninas malvadas*, com suas amigas. A ideia delas era uma apresentação de teor mais sexy – como no filme – e que em princípio chegou a nos preocupar. Mas elas não levaram adiante a apresentação e, interessadas nas horas complementares que prometemos a fim de garantir uma participação mínima de alunos, permaneceram no grupo. A integrante 1 é uma pessoa voluntariosa e de personalidade forte, e tinha sérios problemas em chegar às aulas no horário.

Ela brincava muito nos ensaios, tendo sempre uma piada pronta e fazendo os demais rirem, mas pouco conseguíamos ouvir sua voz na hora do canto. Até o dia em que precisamos de alguém para cantar o solo. Nenhuma das meninas no local conseguia alcançar a nota e resolvemos testar todas as vozes femininas. Para nossa surpresa, de todos os que estavam no ensaio, e da própria aluna, ela revelou uma voz grave e harmoniosa. O único problema era que ela não conseguia controlar o volume da sua própria voz, aliás, como dissemos anteriormente, nem ela mesma tinha consciência de sua capacidade no que se referia a voz. Esse foi um dos momentos mais importantes do Festival para nós, quando a referida aluna descobriu em si um potencial. Ela mudou depois disso. Fez questão de ficar mais

à frente do grupo e participar ativamente dos ensaios. E essa não foi a única mudança. Em sala de aula, os problemas dela com atrasos e faltas diminuíram consideravelmente ao ponto de ela ser a primeira a chegar em sala de aula. E uma atividade de uma disciplina, que ela não conseguia desenvolver pois havia faltado às aulas de orientação de como usar o *software* de diagramação, conseguiu recuperar o conteúdo e finalizou seu trabalho. Tal resultado nos leva ao que Hooks observa sobre a inter-relação entre o intelecto e o emocional. Vemos a evolução dela em sala de aula como um reflexo de sua participação no coral. Nele, a aluna pode descobrir potenciais não relacionados à vida acadêmica, mas que por fortalecerem sua autoestima influenciaram em sua própria imagem como discente.

Figura 5 – Coral de alunos e servidores da Ufam.



Fonte: Acervo organização do evento.

Este é apenas um exemplo entre outros que poderíamos citar e que se manifestou especificamente com o grupo de alunos que integraram o Coral. Possivelmente pela maior proximidade que ele proporcionou ao ponto de comemarmos o aniversário de cada integrante nos três meses de preparação para o Fopin. Os ensaios marcados para sábado ou domingo (estes últimos já na reta final para o evento) não foram alvos de resistência por parte do grupo, algo que sabemos que ocorre quando se trata da aula em sala.

Claro que algumas coisas não saíram como o esperado e isso foi discutido na reunião de avaliação, realizada posteriormente ao evento com a presença de

todos. Mas como idealizadores e organizadores da primeira edição do Fopin podemos dizer que os ganhos foram superiores a qualquer empecilho que tenha surgido no caminho.

Considerações finais

O Festival de Cinema Focaliza Parintins tomou uma dimensão que não esperávamos. Ultrapassou a simples atividade acadêmica promovendo uma valorização do trabalho de alunos, professores e técnicos-administrativos, assim como incentivou que estes manifestassem seus interesses para além da academia. O Fopin agregou a comunidade acadêmica, assim como incentivou a participação ativa dos alunos não apenas na organização do evento, mas também por meio das apresentações artísticas, caracterização de personagens de cinema e participação no Prêmio Pacu.

Os alunos viram reconhecidos seus esforços em um trabalho de sala de aula, e carregaram seus troféus com orgulho. Entendemos que isso, assim como ocorreu na experiência do Coral, estimulou a autoestima do aluno.

Esse reconhecimento foi destacado pelos apoiadores que estiveram presentes, como os jornalistas Carlos Alexandre e Glauber Gonçalves, ex-alunos do curso, e que hoje trabalham em rádios locais que destacaram a importância do evento para os alunos. A cobertura da mídia também foi uma grata surpresa à medida que a data do evento se aproximava ao ponto de profissionais de emissoras de TV locais questionarem se havia necessidade de confirmar presença no festival.

Como professores há mais de dez anos já desenvolvemos diferentes projetos com alunos, como produção de curtas-metragens, publicação de livros-reportagens, entre outros, mas a experiência com o Coral foi diferente. Não apenas para os alunos, mas também para nós, que pudemos ver a necessidade de apoio de muitos discentes não apenas nas atividades acadêmicas, mas também no que se refere ao reconhecimento do potencial deles como seres humanos. Não nos referimos a um apoio psicológico, pois isso cabe a profissionais, porém, como observa HOOKS (2017), é possível criar um ambiente de aprendizado que favoreça ao desenvolvimento intelectual e emocional do aluno.

Enquanto evento, acreditamos que ficou claro para todos, especialmente para os professores do curso, que o Fopin tem vida longa, especialmente pela sua capacidade agregadora no que se refere aos discentes. E algumas mudanças já foram discutidas

durante a reunião de avaliação do evento: a iniciativa não será mais atrelada a alguma disciplina e vamos buscar sua institucionalização como projeto de extensão. Por fim, uma mudança substancial é que o Prêmio Pacu terá uma nova categoria, a do público externo. Para nós, é evidente que além de incentivar a produção audiovisual dentro da academia, o Fopin também pode ser um estímulo aos realizadores parintinenses, lembrando que ele é, até o momento, o único Festival de Cinema na cidade.

REFERÊNCIAS

SIQUEIRA, Graciene Silva de. **Vídeo digital**: uma alternativa à produção cinematográfica digital em Manaus (AM). Manaus/AM, 2011. 165 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Amazonas.

HOOKS, Bell. **Educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA VISUAL. **Universidade Federal do Amazonas**. Disponível em: <<http://navi.ufam.edu.br/>>. Acesso em: 08 out. 2020.

PORTAL PARINTINS PRESS. **Curso de Jornalismo realiza Festival de Cinema nesta quarta-feira na Ufam Parintins**. Disponível em: <http://www.parintinspress.com.br/2019/12/curso-de-jornalismo-realiza-festival-de-cinema-nesta-quarta-feira-na-ufam-parintins/>. Acesso em 08 out. 2020.

YOUTUBE. **Canal Parintins Acontece**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2nNnTzwKJyg&ab_channel=PARINTINSACONTUCE> Acesso em: 10 out. 2020.